

# Músculo de minhoca

Giovani  
Iemini

A large, dark, textured object, possibly a piece of dried earthworm muscle, is the central focus of the image. It has a rough, cracked, and somewhat fibrous appearance. The object is set against a background of a dry, hilly landscape with sparse vegetation under a cloudy sky. The overall color palette is muted, with earthy tones and a slightly desaturated sky.

**Título: Músculo de Minhoca**

**Autor: Giovani Iemini**

Ano: 2008

Produção: Giovani Iemini

Capa: Duna

Editora (virtual): BDE – Bar do Escritor  
www.bardoescritor.net

Contatos: maobranca@gmail.com  
www.maobranca.bardoescritor.net

### Ficha catalográfica

---

Iemini, Giovani

Músculo de Minhoca, Editora (virtual) BDE, 2008  
27 p

### 1. Poesia brasileira

---

© Brasília, 2008, BDE

Todos os direitos reservados

É permitido o uso, desde que citado e informado o autor.



Esta obra está licenciada sob uma  
Licença Creative Commons

## APRESENTAÇÃO

- é fraco como músculo de minhoca! – Foi minha opinião a um poema no Bar do Escritor, uma comunidade do Orkut para troca de experiências literárias. Provoquei algumas risadas.

Usei tanto a expressão para poemas que me desagradavam que logo fui identificado com ela.

Alguns autores não gostavam, achavam que eu desmerecia suas poesias. Tive que explicar que toda poesia tem seu valor, mesmo que seja pessoal, restrito e muito pequeno. Assim como o músculo da minhoca, que cumpre perfeitamente suas funções anelídeas, uma poesia pode ser fraca para um leitor, que não se reconhece nela, como também pode ser maravilhosa para outro, que a sente com todos os poros. A verdade tem muitos lados.

*Músculo de Minhoca* é um livreto que coleta meus melhores poemas (na minha própria opinião, é claro).

Quando assistia, inebriado, as aulas de literatura no antigo 1º grau, um professor (que esqueci o nome – desculpe, mestre) sempre falava dos escritores soturnos com a mesma frase:

- ele era um poeta triste, macambúzio e sorumbático!

Eu adorava. Achava as palavras lindas! Entendia, assim, a poesia como a explanação de todo o sofrimento humano pela confissão literária, a erradicação das dores da alma através do magistral uso da língua, o desabafo rejuvenescedor do coração rasgado. A poesia era capaz de resgatar a esperança no caos. Uma contradição adorável e necessária. Poemas que tratam da beleza das coisas não

me interessam; para ver o que é belo, prefiro a natureza.

Decidi, então, que se um dia me tornasse poeta, só escreveria textos tristes. Sou uma pessoa tranqüila e quase alegre, não me pareço com meus poemas. Ou, talvez, eu seja como os poemas e use uma casca social para me proteger da miséria humana. Vai saber.

Todos os textos daqui foram publicados anteriormente em antologias ou *sites* de literatura. São poemas rodados, elogiados e criticados, têm sua importância na medida em que fazem pensar, que questionam os dogmas ou apresentam outras versões. O objetivo é confundir, já que qualquer convencimento que alcance unanimidade é, por princípio, burro. Ainda que não se aprofundem em nada, as poesias navegam por vários assuntos do cotidiano, convergindo quase sempre para a amargura das perdas.

Num futuro incerto, se algum professor de literatura for tratar dos poetas obscuros da *InterNerd* na virada do milênio e, talvez por engano, me citar, sonho que ele diga as tais palavrinhas que tanto me encantaram:

- ele era um poeta triste, macambúzio e sorumbático.

A glória!

Giovani Iemini  
Agosto de 2008

## Momento final

no momento final

na hora serena

cerrarei os olhos

e, sorrindo, perguntarei:

- valeu a pena?

## Melancolia

A pele do meu rosto

Verga meus lábios

Para baixo

Neste mundo tosco

Não me encaixo

Queria desaparecer

Sem deixar rastro

Sem ninguém sofrer

Só pro meu peito

Parar de doer

## Grande Mão Branca

Nas memórias infantis

Meu fraco pulmão

Trouxe dias febris

Brincadeiras na solidão

Ao cair da noite

O frio e o medo

Acertavam-me como açoite

Um menino azedo

A paz só voltava

Numa hora franca

Minha testa meu pai segurava

Com sua grande mão branca

## Encolhido

Sobre rochas

léguas percorri

Doze trabalhos

completei

Leões por dia

assassinei

enfim, descobri

meu lugar é aqui

encolhido

## Amigo poeta

Amigo poeta  
Maluco pateta  
Tão sem noção

Maltrata a letra  
Nunca entra  
Em pára-quadras  
De brincadeiras

Amigo poeta  
Mestre profeta  
Não sem razão

Milagra a letra  
Sempre saindo  
Em espaçonaves  
Além da imaginação

## Epitáfio

Vivi do jeito que quis e pude

Fiz o que fiz amiúde

Tentei ser o meu melhor

Sempre busquei igualdade nas diferenças

Respeitei as gentes de todas as crenças

Acreditei no homem maior

Intercalei muitos períodos de alegria

Com grandes crises de melancolia

Lutei pelo bem ao meu redor

Se não atingi algumas metas

Se deixei trabalhos por fazer

Se execrei falsos profetas

Se me afastei do vazio prazer

Apenas segui da Força o caminho

As besteiras embaixo do tapete varri

Escrevi o que penso sozinho

E ao fim: putz, morri

## A grande obra

Tenho no fracasso  
a grande obra de uma vida  
(bem desperdiçada)

Já não me garanto  
nem nos sonhos escondidos

Soçobra  
a realidade enguiçada  
de toda decisão errada  
escolhida  
ou encontrada  
por meu cansaço  
a cada passo

## Eu tô voltando

Eu tô voltando  
pro mato, *cerrado*  
para casa

Eu tô cansado  
da cidade, cercado  
de nada

Sim tô voltando  
ou aqui no nada  
me mato

## O crepúsculo do senhor da guerra

À batalha, homens, honrem a dignidade  
Grita o senhor da guerra  
Inflando soldados sem personalidade  
A destruir alguma terra

Ninguém sabe que o general  
Adora violência desvairada  
Pratica sexo anal  
Com o sargento de brigada

O comandante obriga à luta  
Não poupa nenhum destacamento  
É broxa, tenta sexo com puta  
É padre, não lhe faz o pagamento

O soldado não passa de um peão  
Sacrificado sem o menor pudor  
Quero ver filho de oficial no batalhão  
Guerreando com o mesmo ardor

A batalha, homens, desonra a dignidade  
Lutar pela vida, em verdade  
Se faz sem sangue nem sofrimento  
Ainda não há batalha sem tormento

## Cinzas

Centésima vez

Que você diz

É infeliz

Isso nunca quis

Sou um aprendiz

Do revés

Só pensei talvez

Ao invés

Tudo vire cinzas

## Alma nobre

Para os poetas Marcos Caldas  
e Willian Butler Yeats

Trabalhou a vida inteira  
e continua tão pobre como  
no dia inicial da labuta?

Desapoquenta e senta  
aqui do meu lado  
e escuta:

Impossível competir  
sequer insistir  
neste mundo filho da puta

Preocupar-se é besteira  
se lhe resta alma tão nobre como  
aquela que enfrenta a luta

## A Terra da Poesia

Nos meus sonhos mais loucos  
lá, profundo  
a poesia tem seu mundo  
do herói venerável  
ao imundo  
onde o duvidoso é tão  
certo  
que confundo  
os lados da moeda  
luz e sombra  
desejo e desatino

Patino na navalha  
um fio fino  
mas viajo, errante  
com livres asas  
de menino

## canal lacrimal

A nascente da lágrima  
é o fosso do coração  
que, maduro, seco  
exala mágoa

Exausto(r) de derrota  
os sonhos comprimidos  
onde chove escuridão  
lacrimejo pó

## Xará demônio

para a escritora Me Morte

Na encruzilhada  
Entre o rio e a estrada  
Contratei o demônio  
Que sabia meu nome

Falei: xará,  
Que tal deixar meu rabo em paz?

Sorriu inocente  
Inebriou-me a mente  
Com sua bela balela  
Esclareceu-me singelo

Falou: xará,  
Teu rabo já é meu há tempos

## Essa morte

Morte

Como a temo

Ainda assim

A busco

Morte

Lugar obscuro

Forte

Essa morte

Sempre vence

Morte

Encontrá-la

Abraçá-la

Rechaçá-la

Ao final haverá

Quem se importe?

## Pedrada na testa

Simples e direta

A poesia me infesta

Uma pedrada na testa

Se for lindinha

não presta

Recolho-me à sesta

Porém, mordaz

Faço a festa

Leio, voraz

E inda peço: empresta?

## Profissão

Mais fácil que difícil  
Confundir o ofício  
Com a pessoa

Eu não me restrinjo  
No trabalho, finjo  
O que faço é à toa

Não sou doutor  
De derrota sou professor  
Caminho de cara no chão

Aprendi já tarde  
A arte da vida arde  
Sou maior que a profissão

## A mão branca

A noite joga seu manto sobre a luz  
E minha vergonha desaparece  
Protegido pela escuridão  
Fico em paz

Não quero neon na minha cara  
Nem pessoas me servindo  
Preciso saber quem sou  
E do que sou capaz

Penso no que não fui e  
No que não serei  
Sonho o sonho dos malditos  
Não volto atrás

O breu que esconde o medo  
Revela o monstro íntimo  
Escolho o fracasso da vida sob a luz  
Que a liberdade da mão branca

A mão precede a mente e o ser  
A mão é branca mas a alma negra  
quer dia

## Eterno

O que é eterno?

As sábias escrituras  
Sobre deuses nas alturas?  
O cuidado dos pais  
Como alvenaria de cais?

A honra imaculada  
De pessoa admirada?  
O amor companheiro  
Puro e verdadeiro?

Em verdade  
A tudo o tempo supera  
Caducidade  
Dá aos homens cautela  
O que é eterno?

Na vida é bastante  
Curtir o instante  
Aproveite o momento  
Futuro sem lamento

Não há para sempre

## Súcubo

Sucumbo ao súcubo

ensandecido

em sua sanha

sanguinolenta

Que quer de mim, sacripanta?

Sacudo-me da sova

e sigo minha sina

suspeitando

estou sendo seguido

## Mortos que andam

Mortos que andam  
Passeiam no meu jardim  
Atiro em suas cabeças  
Divirto-me assim

Falta-me o trato  
Para falar com eles  
Quebro seus crânios  
Divirto-me às vezes

O fim sem começo  
A morte sem descanso  
Os mortos me perseguem  
Divirto-me manso

Quero um trago  
Um baseado pra fumar  
Abraço esses mortos  
Divirto-me a danar

## Semente

A semente que germina  
é o orgasmo da natureza

Meu sêmen em ti, menina  
o grão da proeza  
culmina, sim  
na gravidade da beleza

## Vôo-livre

Vou onde o vôo  
me levou

leve  
(in) ventei o vazio  
com vórtices vesgos  
e vivo vagando  
ao léu

(eu) vôo leve e  
vago livre:  
ao léu vou  
com o vento

## O que eu quero

O que eu quero não é o que você quer  
Não é o que qualquer um quer  
O que quero nem eu sei

O que eu quero varia no dia a dia  
Não é essa vida vazia  
O que quero é ser rei

O que eu quero pode diferir de riqueza  
Não é também sofrer na avareza  
O que quero foge de lei

O que eu quero é viver o instante  
Não ser um despreocupado constante  
O que quero já pensei

O que eu quero é ter histórias pra contar  
Não coloco o patrimônio num altar  
O que quero só sonhei

O que eu quero é ser um humano autêntico  
Não parecer com todos idêntico  
O que eu quero é voar

## Fábula suicida

Janela, espelho meu  
responda-me:  
- se eu te saltar  
fodeu?

do sapo que caiu do céu  
repito o esculacho:  
- afasta chão  
senão me esborracho

então, após o salto  
suicida fatal  
virei pizza de asfalto  
sem orégano e sal

## Cristo

Baseado por Fernando Pessoa

Não a ti Cristo  
Odeio  
mas ao panteão  
em que te sentam

Sacrificam-te  
como os deuses antigos  
infringiam-nos torpeza

Não, a ti Cristo  
um brinde  
Odeio  
quem de ti aproveita

## Sim, sou solitário

sim, sou solitário  
não me rendo à sociedade  
em sua voraz vontade  
de me fazer contrário

é, também sou incompleto  
sem chão nem teto

o que sonhei já foi tarde  
sobro um covarde

tudo que eu queria  
(um dia)  
era acordar satisfeito  
dos meus feitos

mas só restam os defeitos



**Giovanni Iemini** é formado em História pela Unb, cursou Engenharia Florestal e Direito.

Trabalhou como professor, digitador, bancário e servidor público. Cultiva cactos e bonsais. Bebe cachaça.

Escreve para quase todos os sites da interNerd.

Editou virtualmente ótimos escritores.

Usa o pseudônimo Mão Branca.

Foi publicado na coletânea *Todas as Gerações – o Conto Brasiliense Contemporâneo*, em 2006. Lançou o zine *Bar do Escritor*, 2007 e o livreto *Casos de Mão Branca*, 2007.

[www.maobranca.bardoescritor.net](http://www.maobranca.bardoescritor.net)



Uma mesa de bar onde escritores famosos, anônimos, publicados, impublished e impublicáveis trocam impressões sobre textos dos colegas e de outros escrevinhadores.

Pode falar mal? PODE!

Pode usar palavrão? Claro que pode!

Pode xingar? Tirando a mãe...

Pode ofender? Pode, mas só o TEXTO.

Haverá alguma censura? Sim, aos censuradores!

Nessa mesa não existirão "protegidos" nem "turma do deixa-disso". Aqui é o local para detonar aqueles que escrevem mal.

Quem escreve mal? Todos que não são ricos nem famosos com suas letras.

[www.bardoescritor.net](http://www.bardoescritor.net)